OFICINA NA SALA DE AULA: HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE EM IMAGENS – CONSTRUINDO O ESPAÇO URBANO.

Autor: Paula Sonály Nascimento Lima; Co-autor: Maria Aline Souza Guedes
Co-autor: Wenda Mayse Amorim Chaves.

Universidade Federal de Campina Grande, E-mail paula.sonaly@hotmail.com ;
Universidade Federal de Campina Grande, E-mail malinesguedes@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande, E-mail mayseamorim@hotmail.com;

Resumo:

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a importância da aprendizagem sobre patrimônio no ensino de História, utilizando a experiência em sala de aula do 9º ano do ensino Fundamental, por meio de uma Oficina intitulada "História de Campina Grande em Imagens – Construindo o Espaço Urbano", na escola Estadual Dom Luiz Gonzaga em Campina Grande - PB, visando problematizar sobre a formação e a prática docente neste contexto. O artigo enfatiza sobre o estudo do período de 1930, quando a cidade campinense iniciou a sua urbanização e sobre os 150 anos da cidade. Para isso, dialogaremos com autores que possuem uma maior compreensão sobre a importância do ensino da história local e o como pode contribuir para a prática docente e aprendizado do discente, problematizando com metodologias que contribuam um ensino de História de forma mais dinâmica e diferenciada.

Palavras-chave: Ensino de História, Oficinas, Prática Docente, Patrimônio, Campina Grande.

INTRODUÇÃO

As Oficinas no ensino de História são ferramentas que nos afasta da ideia de aula expositiva, na medida em que pressupõe um aprendizado que envolve a participação dos estudantes e implica na realização de leitura, de análise e de reflexão sobre os materiais propostos e dos textos selecionados. O propósito foi desenvolver reflexões relacionadas com atividades práticas, seja de documentos, música, imagens, vídeo, entre outros, que possibilitem uma indagação sobre noções de cidade, história, identidade, memória, patrimônio, isto é, o assunto ou eixo temático que o professor deseja que se encontre presente em práticas diversas de ensino-aprendizagem de história.

Visto assim, este artigo tem por objetivo discutir sobre a realização da Oficina sobre História de Campina Grande em Imagens – Construindo o Espaço Urbano, realizada pelo Programa de Educação Tutorial – Pet História[1], no 9º ano do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Dom Luiz Gonzaga, localizada no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande - PB. Como esta Oficina pode oferecer uma possibilidade de refletir sobre o ensino sobre cidades, discutindo sobre as ressonâncias que a oficina proporcionou aos alunos, além de analisar a experiência obtida na Escola, como alunas Petianas, e quais as implicações sobre a metodologia para o Ensino de História.

A oficina apresentada neste artigo discute sobre a memória, história local e patrimônio histórico[2] em sala de aula, trazendo uma problematização dos temas e conceitos, por meio das imagens da Cidade de Campina Grande. Como esses temas estão no cotidiano dos alunos (as) e qual o papel do professor para que este ensino se torne cada vez mais dinâmico e faça com que o mesmo adquira um conhecimento sobre tais assuntos. Por meio da experiência, observa como pode possibilitar uma formação docente, um ensino de história relacionada a Oficinas de História.

---

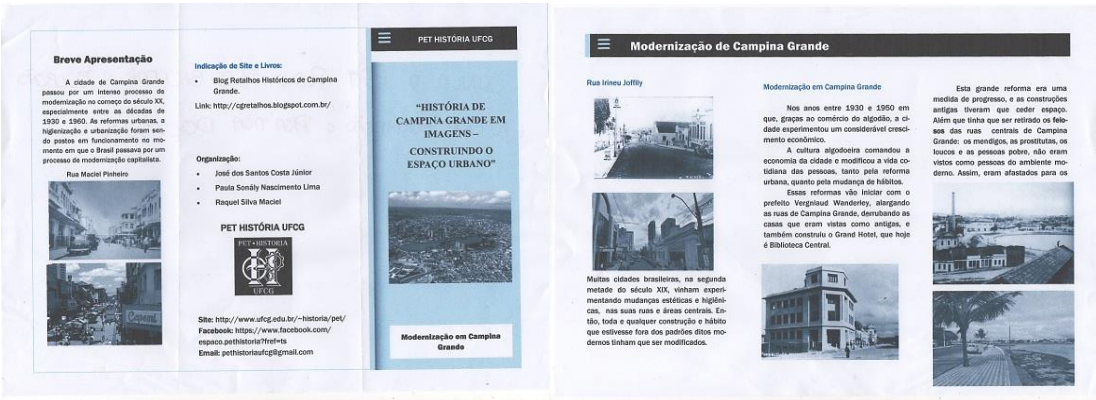
[1] O Programa de Educação Tutorial do Curso de História da UFCG foi aprovado pelo MEC/SESU no ano de 2009. A proposta do grupo está direcionada para aperfeiçoar a formação científico-acadêmica de estudantes do curso de História do Centro de Humanidades/UFCG a partir do desenvolvimento articulado de atividades de ensino, pesquisa e extensão referendados nos princípios formativos que embasam o projeto pedagógico do curso através da relação teoria e prática, tanto em seu processo de produção quanto de difusão do saber histórico. Para mais informações <http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/ > Acesso em 07/07/2015.

[2] "O estudo do patrimônio é um campo que, de forma 'gulosa', se serve de tudo o que estiver disponível – das cartas, aos prédios, da literatura a um bairro inteiro – e que for capaz de representar a dinâmica da história" (MARTINS, IN: PINSKY, 2009, p. 281).

METODOLOGIA

A Oficina realizada pelo Programa de Educação Tutorial tem como objetivo estimular os alunos(as) nas aulas com o intuito de problematizar sobre a História de Campina Grande, fazendo com que eles passem a conhecer a história de sua cidade.

Eram diversas Oficinas sobre os 150 anos de Campina Grande[3], realizados no ano de 2014 que foram divididas entre os integrantes do PET em grupos que se distribuíram por turmas. A Oficina sobre *História de Campina Grande em Imagens – Construindo o Espaço Urbano* ocorreu na Escola Estadual Dom Luiz Gonzaga, para os estudantes do 9º Ensino Fundamental. Ela foi realizada em duas aulas de 40 min em dois dias. Primeiramente, os universitários petianos encarregados de coordenar a oficina estabeleceram um diálogo sobre a História da Urbanização de Campina Grande, por meio de vídeos e um folder que continham informações sobre a cidade, fazendo com que os alunos compreendesse sobre como a cidade foi expandida. Como pode ser analisado na imagem do folder:



Breve Apresentação

A cidade de Campina Grande passou por um intenso processo de modernização no começo do século XX, especialmente entre as décadas de 1930 e 1960. As reformas urbanas, a higienização e urbanização foram sendo postas em funcionamento no momento em que o Brasil passava por um processo de modernização capitalista.

Rua Maciel Pinheiro

Indicação de Site e Livros:

- Blog Retalhos Históricos de Campina Grande.

Link: http://cgretalhos.blogspot.com.br/

Organização:

- José dos Santos Costa Júnior
- Paula Sonály Nascimento Lima
- Raquel Silva Maciel

PET HISTÓRIA UFCG

PET HISTÓRIA UFCG

Site: http://www.ufcg.edu.br/~historia/pet/
Facebook: https://www.facebook.com/espaco.pethistoria?fref=ts
Email: pethistoriaufcg@gmail.com

PET HISTÓRIA UFCG

"HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE EM IMAGENS – CONSTRUINDO O ESPAÇO URBANO"

Modernização em Campina Grande

Modernização de Campina Grande

Rua Irineu Joffily

Muitas cidades brasileiras, na segunda metade do século XIX, vinham experimentando mudanças estéticas e higiênicas, nas suas ruas e áreas centrais. Então, toda e qualquer construção e hábito que estivesse fora dos padrões ditos modernos tinham que ser modificados.

Modernização em Campina Grande

Nos anos entre 1930 e 1950 em que, graças ao comércio do algodão, a cidade experimentou um considerável crescimento econômico.

A cultura algodoeira comandou a economia da cidade e modificou a vida cotidiana das pessoas, tanto pela reforma urbana, quanto pela mudança de hábitos.

Essas reformas vão iniciar com o prefeito Vergniaud Wanderley, alargando as ruas de Campina Grande, derrubando as casas que eram vistas como antigas, e também construiu o Grand Hotel, que hoje é Biblioteca Central.

Esta grande reforma era uma medida de progresso, e as construções antigas tiveram que ceder espaço. Além que tinha que ser retirado os felos das ruas centrais de Campina Grande: os mendigos, as prostitutas, os loucos e as pessoas pobre, não eram vistos como pessoas do ambiente moderno. Assim, eram afastados para os

Folder entregue aos alunos do 9º ano da Escola Don Luiz Gonzaga

Foi então discutido sobre a modernização de Campina Grande, abordando que a cidade passou por um intenso processo de modernização no começo do século XX, especialmente entre as décadas de 1930 a 1950, com as reformas urbanas postas em funcionamento no momento em que o Brasil passava por um processo de modernização

[3] Em um primeiro momento, nos reunimos com a professora da Escola Dom Luiz para que soubéssemos a necessidades dos estudantes, e foi escolhido e planejado o tema de acordo com o interesse dos alunos, já que no final do ano eles realizaram uma Mostra Pedagógica com o mesmo tema. Assim, o que foi discutido na oficina ajudou para que dialogassem o tema e a maneira que foi trabalhado.

capitalista. Era o discurso abordado na sociedade por higienistas e sanitaristas que associavam aos problemas de saúde, adequando também, às exigências capitalistas, desde a elaboração de posturas municipais, cadastros, até as áreas centrais até as condições econômicas locais e regionais. (SOUSA, 2003)

E, em Campina Grande, graças ao comercio de algodão, a cidade experimentou um considerável crescimento econômico, modificando a vida cotidiana das pessoas, tanto pela reforma quanto pelas mudanças de hábitos. Essas reformas iniciam com o prefeito Vergniaud Wanderley, alargando as ruas, derrubando as casas que eram vistas como antigas, e construindo casas e edifícios de acordo com os padrões modernos, os padrões europeus.

> [...] entre as décadas de 1930 e 1940, Campina Grande passou pela intensificação de um processo de reformulação urbana pautado nos ideais de higiene, circulação e embelezamento, alicerçado no mesmo lema positivo de PROGRESSO, MODERNIDADE e BELEZA que ainda hoje guia as intervenções sobre o município. (QUEIROZ, 2008, p. 15).

Este progresso, modernidade e beleza já vinha surgindo com o crescimento do município e com o crescimento econômico, como supracitado, que intensificou as iniciativas de urbanização, iniciando em 1907 com a chegada do trem na cidade. Assim, houve uma necessidade de construir uma imagem de um local civilizado, que trouxesse uma nova arquitetura: "uma cidade sadia, arejada, arborizada, com belas casas e edifícios, descongestionada, fluída para o movimento do ar e da água, das mercadorias, pessoas e veículos" (QUEIROZ, 2008, P.16). Dentro disso, as décadas de 1930 e 1940 foram de transformações na paisagem urbana campinense. O prefeito da cidade campinense, Vergniaud Wanderley, desejava que a cidade fosse moderna, bonita; então, decretou[4] que houvesse mudanças sobre a cidade. Então, casas foram colocadas abaixo, ruas foram alargadas, relocando moradores para outros locais, em muitos casos, a elite campinense.

> Essa busca, e a escolha dos lugares para as novas moradias, foi feita de acordo com as posses e o patrimônio de cada família ou morador, e não se deve esquecer, estava ancorada nas dimensões simbólica e venal atribuídas aos diversos territórios e espaços da cidade.(SOUSA, 2003, sp)

[4] O Decreto nº51, de Antônio Pereira Diniz na época sua iniciativa caiu nas graças do cronista Cristino Pimentel, que passou, a partir de então, a agir como um severo fiscal para que o decreto fosse respeitado e implementado pelos prefeitos que sucederam Pereira Diniz nos dez anos seguintes, entre 1935-1945. (SOUSA, 2003, sp).

Dessa maneira, a elite campinense foram para um novo bairro, ao sul do centro, que vinha se valorizando com novos moradores, além do bairro da Prata, que estava sendo incorporada a extensão da cidade dentro dos novos padrões de urbanismo. Já os moradores de menor poder aquisitivo foram para bairros mais distantes do centro, considerados marginais (SOUSA, 2003). Além do mais, esta modernização também teria que retirar "os feiosos" – mendigos, prostitutas, loucos e pessoas pobres - das ruas centrais da cidade, pois não eram vistos como pessoas do ambiente moderno, sendo afastados para os locais distantes do centro, o que vai também dar inicio às periferias.[5] Após a explicação realizada por meio deste assunto, foi passado dois vídeos que proporcionou uma maior compreensão sobre a modernização da cidade, mais nitidamente do centro de Campina Grande e a sua modernização urbana.[6]

No segundo dia fizemos uma atividade em que os alunos(as) trabalharam em duplas e foram entregue a eles algumas imagens da cidade de Campina Grande entre as décadas de 1930 a 1960 e imagens atuais para cada dupla, as quais foram analisadas e apresentadas por eles, explicando o que identificaram a partir da sua imagem (as ruas do centro da cidade). A dupla que tinha a imagem mais recente ou mais antiga sobre aquela localização na cidade comparava para saber o que mudou. Após as apresentações, foi feito um mural, pelos estudantes, para serem fixadas nas escolas.

Apresentada a descrição das Oficinas, nossa preocupação é a problematização sobre patrimônio, história das cidades, e como as oficinas pode (re)siginificar o olhar do aluno e pode trazer novas abordagens para a formação e prática docente.

Ao considerar que vivemos em uma era de imagens, que chegam cada vez de forma mais rápida e inovadora. E cabe ao professor utilizar o uso da imagem em história, não como uma simples ilustração, mas de maneira significativa, intencional. De acordo com John Berger, em seu livro Modos de Ver,

> La vista llega antes que las palabras. El niño mira y ve antes de hablar. Pero esto es cierto también en otro sentido. La vista es la que establece nuestro lugar en el mundo circundante; explicamos es mundo con palabras, pero las palabras nunca pueden anular el hecho de que estamos rodeados por él. [...]Lo que sabemos o lo que creemos afecta al modo en que vemos las cosas. (BERGER, 1972, P. 05).

---

[5] A contextualização foi apresentada no folder do primeiro dia da Oficina, de forma suscinta.

[6] Vídeo *Campina – Retalho de Saudade* (https://www.youtube.com/watch?v=LPHe4WyxRCU) e *Cidade Campina Grande Pb Brasil (https://www.youtube.com/watch?v=DYR7EhzVtq4)*.

Percebe-se então que o olhar chega antes das palavras, ou seja, a criança, o ser humano aprende a se comunicar primeiramente pela visão, e que o que vamos aprendendo durante as nossas vidas, vai modificando a forma que vemos as coisas. Podemos entender que a imagem incorpora uma maneira de ver. Partindo para o ensino com o uso das imagens, tem que refletir sobre a possibilidade de realizar atividades com os alunos que os façam entender sobre as outras formas de linguagem, que podem auxilia-los a questionar e a desconstruir as formas ideologias, entendidas como a intencionalidade dos conteúdos curriculares. As imagens representam uma determinada época, e a sua interpretação, a sua análise é pertinente para a compreensão de algo fato histórico, sendo uma fonte de informação, de conhecimento.

> Trabalhar com a análise de fotos, slides, transparências, filmes, músicas, mapas, imagens que sejam significativos e relacionados aos assuntos que estão sendo estudados, instigam o senso de observação e de percepção. Quando se apresenta uma imagem ao aluno (fotografia, pintura, gravura, etc) ele pode associar a imagem que está vendo às informações que já possui, levando em conta o seu conhecimento prévio. (LITZ, 2009, p. 06)

A autora Valesca Litz ressalta o senso de observação e percepção que é ativado no discente, de acordo com a associação que pode ser feita com o conhecimento que este já possui. Dessa forma, o estudante pode perceber diferenças e semelhanças entre épocas, por exemplo, e de acordo com a Oficina realizada, seria o lugar que moram em diferentes épocas, observando o que mudou e o que permaneceu. Portanto, o uso de imagens e fotografias, possibilita o ensino de história, com riqueza de informações e detalhes, sendo uma importante fonte de pesquisa na atualidade. Na Oficina aqui apresentada, foi estudadas imagens de Campina Grande, por meio de dinâmicas e inseridas no folder, como podemos observar:

Imagem apresentada no folder (Antes/Depois).

Assim, como Boris Kossoy afirma em seu livro Fotografia e História, “a descoberta da fotografia propiciaria, de outra parte, a inusitada possibilidade de autoconhecimento e recordação, de criação artística, de documentação e de denúncia graças a sua natureza testemunhal”. (2001, p. 27). A fotografia para o ensino de História é um documento que preserva a memória visual de inúmeros fragmentos do mundo, destacando aqui, Campina grande, como um método de visualizar a sua transformação.

Por isso, vemos que a oficina trouxe uma forma de ressoar o conhecimento sobre a História da cidade em que os (as) alunos(as) moram, como forma de conhecimento e informação, permitindo estabelecer metodologias de pesquisa e de análise, como foi feita pelos alunos. Em que os mesmos tentavam associar as imagens, buscando as diferenças e semelhanças no local, e o papel dos professores em tentar recuperar os fatos históricos de forma mais papável para os aprendizes.

Visto que “a observação de Marc Bloch é decisiva: “O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado se transforma e se aperfeiçoa”. (BLOCH, 1974. In: KOSSOY, 2001, p. 32). Dessa maneira, entendemos que o estudo da imagem é importante para direcionar um caminho para o passado, de forma mais aproximativa com os alunos e a forma que eles terão de observar as imagens e a História de Campina Grande é diferenciada por estarem presentes nesta história localmente e cotidianamente.

Na perspectiva do documento fotográfico como fonte histórica, o papel de professores de histórias, é fazer que o aluno reflita sobre a identificação do patrimônio como um processo de esclarecimento, de memória e de história de algum local; neste caso, a cidade campinense.

> O patrimônio histórico, por ser uma produção cultural, encerra em si características que favoreçam, facilitam a relação de ensino/aprendizagem por parte de quem o utiliza, por parte daqueles que o usam como fonte documental para a obtenção de conhecimentos a respeito de uma determinada época, de determinadas condições socioeconômicas de produção de determinado bem, das relações de poder que demonstram que tal móvel ou imóvel, por pertencer a uma determinada parcela mais abastada da sociedade, então, foi construído com material de melhor qualidade, pode explicitar continuidades e mudanças ocorridas em determinados locais, entre várias outras potencialidades que estes documentos apresentam. (OLIVEIRA; 2008, p.98).

Portanto, as imagens das mudanças de Campina Grande, traz uma produção cultural em si, pois representam uma determinada época, e os patrimônios que foram preservados, sejam materiais ou imateriais, são utilizados como forma de ensino da disciplina de História, de forma a entender a Cidade. A fotografia então facilita o desenvolvimento da percepção visual e simbólica, como forma metodológica de compreender patrimônio, permitindo ao pesquisador recuperar as reproduções do passado, como recuperação do patrimônio. Então, o estudo das imagens de Campina Grande, no "ontem e hoje", como modo de entendimento da história da cidade, também traz o estudo patrimonial – os vídeos apresentados anteriormente também são fontes patrimoniais.

Por isso, as discussões em relação ao patrimônio está interligado com à memória – individual ou coletiva – e ao ensino de história, desenvolvimento um sentimento de pertencimento, de identidade e da história local.[7] São estas memórias e sentimentos que faz o aluno ver de modo crítico as antigas construções, modificadas ou permanecidas, no período histórico. E cabe, ao professor, levar esta prática à sala de aula como uma forma metodológica de ensino de história.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adentrar o universo da sala de aula como Petiana, vendo que a sala não é um lugar de transmissão de informações, mas um lugar que se estabelece significações e sentidos, foi planejado juntamente com os outros discentes petianos, e a Tutora do programa, as oficinas que buscasse uma proximidade para os alunos e que estes pudessem ver um presente problematizado, e não apenas um estudo do passado.

A Oficina realizada na Escola Dom Luiz Gonzaga, em Campina Grande- PB, coordenada pelo Programa de Educação Tutorial – PET História, teve como intuito fazer com que os estudantes universitários, Petianos, trocassem saberes, como também aprendessem na escola uma história de maneira dinâmica, e que trouxessem uma proximidade histórica com o estudante, assim, com a história de Campina Grande. A fim de realizar o que foi pensado em conjunto com a escola, trabalhamos com imagens e a urbanização de Campina Grande, já que

[7] OLIVEIRA, 2008, p. 99.

o ano de 2014 era o aniversário de 150 anos da cidade. Como já foi explicitado sobre o que foi realizado nos dias da Oficina, trago uma imagem do segundo dia de atividade com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental,

Professora de História da Escola Estadual Dom Luiz Gonzaga, Gorete Emiliano (segunda à esquerda), juntamente com alunas do 9º ano no mural feito pela turma.

A professora da Escola disponibilizou a Oficina como meio de criarmos juntos uma reflexão sobre a História Local, visto que no ano de 2014 a cidade de Campina Grande fez 150 anos e que os alunos tinha que fazer, no mês de outubro, uma mostra sobre o mesmo. Foi então, uma oportunidade de uma relação da universidade com a comunidade e, um meio de aprender sobre a História de Campina Grande, de maneira que trouxessem análises, reflexões de teoria e prática. Atividades assim faz com que o aluno desenvolva e se envolva em trabalhos que favoreçam a sua autonomia para aprender, e introduzir em seu estudo a história mais próxima, a história cotidiana, possibilita contextualizar uma vivência individual a uma história coletiva, e nesta atividade por meio da iconografia e vídeos.

Assim, como a autora Isabel Barca (2004) afirma em seu texto sobre a Aula Oficina em História, em que a aula deve ser um espaço dinâmico, em que existe um diálogo entre professor e aluno(a) na busca de sentidos e significações, e a aula não se centra somente no professor, mas uma abordagem em que o saber-fazer pedagógico se concentra na criatividade de recursos e estratégias a apresentar aos alunos, e a forma como estes vão receber e dialogar de forma que demonstrem o conhecimento prévio e o que foi captado pelos vídeos e pela explicação das imagens.

O ponto de partida da oficina, de acordo com a nossa experiência como bolsista do PET, era que os discentes pudessem trazer o seu cotidiano e o seu conhecimento prévio sobre

o que sabiam de Campina Grande. Como foi surgiu o centro e os bairros? Será a cidade em que moram é moderna? Como ela se tornou urbana? Eram preocupações para que eles percebessem o motivo de trazermos a década de 1930 como construção do espaço urbano, e em que contexto estava inserido essa urbanização da cidade.

Logo, por meio de vídeos e fotografias, os (as) alunos(as) puderam perceber como era a cidade, quais as mudanças ocorridas, o que permaneceu e como a cidade é vista hoje. Como por exemplo, a imagem que foi trazida durante o segundo dia da Oficina, na construção do mural, foi uma fotografia da Rua Maciel Pinheiro, no centro de Campina e foi discutido as mudanças que já havia ocorrido com a urbanização de Campina (foto de 1960), e quais as mudanças e permanências que podia ser percebida na imagem atual. Explicando então, que vivemos em constantes mudanças, como também o espaço físico vai sendo modificado e reconstruído de acordo com o período histórico.

Rua Maciel Pinheiro, em 1960 e atualmente.

Durante essa montagem do mural, foi perceptível que a maioria dos estudantes estavam curiosos para saber o que podiam ou não reconhecer, quais as mudanças, o que eles encontravam de novo. Quais as ruas eles conheciam, os nomes das ruas. E todo o movimento que fizeram de conhecimento prévio e obtido por cada imagem, trouxe um dialogo e uma curiosidade sobre o que eles sabiam da história da cidade em que moram.

> Assim, diante das fontes fotográficas, o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-a com outras. Além disso, as fontes fotográficas sozinhas não se bastam. A problemática histórica é que deve guiar a abordagem das fontes. (LIMA; CARVALHO; IN PINSKY, 2009).

Utilizando-se do que foi dito das fontes fotográficas, pode ser analisado que a atenção da problematização apresentada conjuntamente com os alunos foi a preocupação dos alunos tentarem buscar sobre a sua história local, e principalmente, o patrimônio histórico, em que transmitem lembranças ou tradições de algum local. Além do mais, o uso das fontes históricas nas aulas de História é de fundamental importância para o aprendizado, pois o aluno vai estabelecer familiaridade com os eventos passados e auxiliando o seu raciocínio histórico.

> Nessa perspectiva, os documentos não serão tratados como fim em si mesmos, mas deverão responder as indagações e as problematizações de alunos e professores, com o objetivo de estabelecer um diálogo com o passado e o presente, tendo como referência o conteúdo histórico a ser ensinado." (SCHMIDT; 2009, p. 117)

Então, visto a experiência como uma forma de ensino sobre a prática docente, podemos problematizar que os documentos históricos são formas de alcançar os objetivos, tornando o ensino mais amplo e dinâmico, e percebendo os aspectos do conhecimento obtido pelos alunos. A relação entre professores e alunos(as) foi essencial para que os objetivos que a oficina promovia fossem alcançados.

O método de ensino escolhido pelo PET possibilitou uma relação entre a formação e a prática docente, refletindo o ensino de história, a sua função e desenvolvimento em sala de aula e a possibilidade de ultrapassar as barreiras de um ensino tradicional, optando por métodos dinâmicos e recortes diferentes que pode trazer uma valorização do cotidiano do aluno.

CONCLUSÃO

Ao longo da experiência, a utilização da Oficina como metodologia do ensino de História, revelou-se uma maneira importante de realizar atividades com os discentes, visto que a importância de compreensão do(a) aluno(a) e a forma dinâmica, faz com que o mesmo se interesse perante o estudo de História. A interação com o discente no decorrer das abordagens, traz uma construção de sentido e significados para que o processo de aprendizagem fosse melhorado, e trouxesse possibilidades de articular com a vida cotidiana deles, com suas experiências.

Esses primeiros passos percorridos com a experiência da atividade do PET, juntamente com os alunos, mostra um caminho que pode ser percorrido, futuramente, como Professoras de História, e que é possível um ensino dinâmico e esclarecedor, que traz às novas gerações um conhecimento da história e cultura local, contribuindo na formação desses alunos.

Visto então, que a experiência do ensino de História, tanto por nós, como Petianos, como para os discentes, em sala de aula, incentivou um pertencimento ao local, à valorização do cotidiano e uma forma de relacionar as mudanças e permanências histórias, tanto em seu local como em contextos mais amplos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANUNCIAÇÃO, Ana Paula; SPERANDIO Amábile. Aula-Oficina: Uma Proposta de Utilização de Documentos Históricos em Sala de Aula. In: História & Ensino. Londrina, v.18. p. 131-156. Especial. 2012.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BERGER, John. Modos de Ver. Edicion inglesa de 1972.

BRITES, Olga; PEREIRA, Mirna Busse. Oficina de História: Ensino, Memória e Patrimônio Histórico. Projeto História, nº40, junho de 2010.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LITZ, Valesca Giordano. O Uso da Imagem no Ensino de História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2009;

MORALES, Elisa Vermelho: História do cotidiano e ensino de História. (s/d) In: www.uel.br.

PEREIRA, Aldiceia Machado. A Importância da História Local para o ensino de História: Um olhar para o município de Duque de Caxias. Disponível em: https://pinba.files.wordpress.com/2014/08/a-importc3a2ncia-da-histc3b3ria-local-para-o-ensino-de-histc3b3ria-um-olhar-para-o-municc3adpio-de-duque-de-2.pdf Acessado dia 04 mar. 2015

PINSKY, Carla Bassanezi. O Historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, M.D; CAINELLI, M.R; OLIVEIRA, A.F.B.(Orgs). Ensino de História: múltiplos ensinos em múltiplos espaços. Natal, RN: EDFURN, 2008.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). Rev. Bras. Hist. vol.23 no.46 São Paulo 2003

SCHIMIDT; CAINELLI, M.; Ensinar História. Pensamento e ação na sala de aula. 2 ed.- São Paulo: Scipione, 2009.

Vídeos:
Vídeo Campina – Retalho de Saudade (https://www.youtube.com/watch?v=LPHe4WyxRCU)
Cidade Campina Grande Pb Brasil (https://www.youtube.com/watch?v=DYR7EhzVtq4).